

## CADEIA PRODUTIVA DO ALGODÃO NA REGIÃO DO SUDOESTE GOIANO

Cleide Souza Shimokomaki <sup>1</sup>

Fábio Trindade Longhi <sup>2</sup>

**Resumo:** Diante da crescente conexão econômica, que adverte ao rápido e conciso atendimento às demandas de informação mercadológica e econômica dos setores produtivos, em especial das ligações deficientes das cadeias produtivas, o uso de técnicas prospectivas auxilia não só na formulação de estratégias, mas também gerenciam dados que preparam os envolvidos para a concorrência doméstica e internacional competitiva. Será abordada então, neste presente artigo, a projeção do mercado para o futuro, a visão sistematizada proporcionada pela prospecção da cadeia produtiva da cotonicultura, o uso das ferramentas, dificuldades enfrentadas na coleta de dados, análise dos dados coletados e a importância da tecnologia no trabalho de prospecção. Os temas apresentados servirão para evidenciar a importância da prospecção para apoiar os processos de planejamento corporativo das empresas dos setores têxteis e de vestuário, setor agrícola, e a formulação de políticas públicas e setoriais.

**Palavras-chave:** Agricultura. Algodão. Cadeia Produtiva.

### INTRODUÇÃO

O Centro-Oeste é a região de expansão econômica mais importante do Brasil e uma das mais privilegiadas do mundo, por seus recursos naturais e a sua posição geográfica.

O Centro-Oeste detém cerca de 80 milhões de hectares de cerrado aptos ao cultivo, com custos de produção relativamente baixos devido as condições favoráveis do solo. Na Região vem se desenvolvendo agricultura mais dinâmica do País, com recordes de produtividade na produção de diversos grãos e de outros produtos agrícolas bem como uma pecuária moderna de expressão nacional. É a região de melhor desempenho econômico nos últimos e a única que gerou emprego líquido no período 1995/99.

A consolidação dos eixos nacionais de integração e desenvolvimento, principalmente dos eixos Araguaia-Tocantins e Oeste, promove uma melhor interação do Centro Oeste com as demais regiões do País e provoca importantes incrementos de demanda de toda natureza. Por

<sup>1</sup> Mestre em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Unitau (2014-2016), Especialista em Psicologia pela (2009) e em Projetos Sociais pela UNIFIL (2010), Administradora pela UNIFIMES (1999) – shimokomaki.cleide@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduação em Administração pela Unifimes, Mestre em Administração pela FEA- fabio@unifimes.edu.br.

outro lado, e não menos importante, a tão almejada "Saída para o Oeste" toma corpo decisivo, com a decisão do Governo Federal de promover a Integração da América do Sul, com a escolha dos eixos sul-americanos consolidará um mercado a Oeste do País de cerca de 100 milhões de pessoas, com reflexos positivos diretos na Região Centro Oeste.

O desenvolvimento sustentável da Região exige, entretanto, a atuação do governo federal, em estreita parceria com os governos locais e as forças produtivas, no sentido de viabilizar a realização dos estudos e das ações necessárias à promoção de atividades sociais e econômicas que venham a acelerar o processo em andamento, a evitar desperdícios e erros estratégicos e a consolidar um processo de desenvolvimento sustentável.

### **CADEIA PRODUTIVA DO ALGODÃO**

A cadeia produtiva de algodão é bastante significativa e conta com representantes em seus principais elos. O estado ocupa segundo lugar em volume de produção, com safra estimada de mais de 250 mil toneladas de algodão em caroço, em 2000. Essa produção vem apresentando uma taxa de crescimento de 10,3% ao ano.

O estado de Goiás desponta como polo de produtos de matéria-prima (algodão em plumas/fibras) exportando regionalmente para o Nordeste e para o Estado de São Paulo o algodão já beneficiado, pronto para a fiação. As condições e clima tropical, com chuvas perenes, temperaturas amenas, luminosidade uniforme, além do uso de modernos cultivos aliados ao espírito empreendedor dos produtores favorecem o desenvolvimento e colocam Goiás e posição de destaque no cenário nacional como polo de confecção.

A cotonicultura é um negócio altamente rentável por área cultivada, para uma área de 250 hectares de cultura, pode-se obter um rendimento de US\$ 205,00 por hectare, ou seja, cerca de 3 vezes o recebido pela pecuária, por exemplo.

A produção goiana está distribuída principalmente nos municípios de Acreúna, Santa Helena, Paraúna, Chapadão do Céu e Rio Verde, ocupando uma área de 100.000 hectares. Mais de 250 produtores (LSPA/IBGE, 1999) respondem por agronegócios de algodão, aproximadamente 5.000 empresas de confecção de 300.000 empregos no agronegócio.

**Tabela 1:** Principais regiões produtoras de algodão.

Regiões	Participação - %
Sudoeste de Goiás	51,8
Vale do Rio dos Bois	42,8

**Fonte:** SEPLAN-GO, 1999.

**Tabela 2:** Principais municípios produtores de algodão.

Municípios	Participação - %	Participação acumulada (%)
Acreúna	13,2	13,2
Santa Helena de Goiás	12,5	25,7
Paraúna	10,8	36,5
Chapadão do Céu	10,5	47,0

**Fonte:** SEPLAN-GO, 1999.

Dados das RAIS indicam que, em 1998 no cultivo de algodão, o estado conta com 30 empresas, que empregam 206 funcionários, com uma massa salarial de R\$ 866.393,00. O salário médio é de 3,5 salários mínimos. Quanto à atividade de tecelagem, o Estado de Goiás é o mais representativo no Mercoeste, contando com duas grandes empresas, as quais empregam 1.484 funcionários. A massa salarial associada é de R\$ 7.208.094,00, e o salário médio é de 4,05 salários mínimos. Goiás é atualmente o segundo produtor nacional de algodão, em produção e em produtividade, com uma safra esperada para este ano de 228,7 mil toneladas de algodão em caroço e uma produtividade de 2.410 kg/ha.

O agronegócio do algodão absorve cerca de 15 trabalhadores por hectare na lavoura e concentra boa geração dos outros empregos na confecção. O centro-Oeste vem merecendo destaque em cultivo de grandes áreas, com utilização de colheita mecânica, não absorvendo grande concentração de mão-de-obra diretamente, mas alavancando indiretamente outros setores da cadeia produtiva. Pesquisas e experimentação em novas culturas no Centro-Oeste, embora ainda iniciais, já minimizam problemas do emprego na cotonicultura comercial de tecnologias importadas de países desenvolvidos.



Apesar de todo o seu desenvolvimento, pode-se dizer que a cultura do algodão em Goiás passa por um período crítico. Não consegue integração com os polos de confecção, pois não existe o elo de fiação e tecelagem no Estado e não consegue vantagens competitivas em produção primária, quando estados vizinhos têm conseguindo, a partir da integração tecnológica, rendimentos físicos e financeiros superiores. Portanto, cabe à cadeia do algodão em Goiás a integração de seus produtores que devem ser apoiados tecnologicamente pelas instituições de pesquisa, e deve ser garantida a continuidade desta cultura no Estado, já que possui custos relativos (mão-de-obra e terra) superiores aos seus concorrentes.

## CADEIA DO VESTUÁRIO

A indústria de vestuário se disseminou por quase todo o Estado e, devido à baixa exigibilidade de capital, tem crescido de forma desordenada, sem critério organizacional e com baixa capacitação empresarial. Estima-se, com base em dados da Associação Goiana da Indústria de Confecções e Correlatas-AGICON, que existam cerca de 2.400 empresas constituídas, na sua maioria, por pequenas empresas competitivas entre si.

**Tabela 3:** Número e gênero de estabelecimentos industriais, cadastrados na Secretaria da Fazenda.

Gênero de Indústrias	Jun/1991	Jun/1993	Mai/1996	Mai/1999	Varição 91-99 (%)
Couros, peles e produtos similares	110	123	149	98	- 10,9
Têxtil	31	40	48	67	116,1
Vestuário, calçados, artefatos, tecidos	2.619	2.786	3.358	2.343	- 10,5

Fonte: SEFAZ-GO, SEPLAN-GO/SEPIN, 1999.

A indústria de vestuário é formada, em grande parte, por micro e pequenas empresas cuja estrutura operacional apresenta deficiência, tornando-a vulnerável as oscilações da economia. Por exigir investimentos fixo reduzido, essa indústria é indutora de pequenos

empresários com pouco ou quase nenhum conhecimento do processo produtivo. Apesar disso, estima-se que o faturamento em 1999 tenha sido de R\$ 420 milhões, com a produção de 24 milhões de peças de roupas, vendidas principalmente para outros estados.

A cadeia conseguiu aproveitar pouco do seu potencial, estimado, em 2000, em cerca de R\$ 700 milhões, ou seja, quase 70% a mais que o produzido pela cadeia estadual.

**Tabela 4:** Potencial de consumo de roupas.

Estado	% IPC	R\$ Mil
Goiás	2,779	695.100
Distrito Federal	2,449	587.723
Mato Grosso	1,005	289.160
Mato Grosso do Sul	1,287	319.739
Rondônia	0,662	123.851
Tocantins	0,400	89.864
Acre	0,226	54.789
Mercoeste	8,808	2.160.226
Participação	8,808	8.808
Brasil	100,000	24.525.727

**Fonte:** GAZETA MERCANTIL – ATLAS DO MERCADO BRASILEIRO, 2001.

Embora haja alto grau de mecanização em boa parte do setor industrial, este segmento é carente de mão-de-obra qualificada na operacionalização dos

Pequipamentos, e o setor de modelagem é na base do empirismo. Copiam-se modelos de grifes famosas, porque a maioria das microempresas não tem acesso a revista de moda, oriundas, principalmente, da Europa.

A indústria de vestuário adquire seus insumos (matérias-primas e materiais secundários) em outros estados brasileiros, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, pois Goiás é carente na produção dessas matérias-primas. Insumos como malha, jeans, viscose, seda são adquiridos na proporção da capacidade produtiva, prejudicando os microempresários, pois, com dificuldades de capital de giro, não tem acesso a fonte produtora, sujeitando-se a

intermediação do comércio atacadista local, cujo preço, é mais elevado. Contudo, existem projetos de instalação de indústrias de fiação no Estado, e que poderia melhorar um pouco a situação, principalmente a partir da boa produção estadual de algodão.

As principais linhas de produtos em Goiás são: moda jovem, esporte fino, infantil, jeans e moda praia. A cadeia goiana compete basicamente com produtores da moda e, para isso, precisa de preços mais baixos do que os praticados pelas grifes nacionais. Isso favorece a informalidade e faz com que a questão tributária possa ser responsável até pela preferência das empresas em vender para fora do Estado. O preenchimento deste elo intermediário entre a cadeia de algodão e a cadeia de vestuário era de importância estratégica para o Estado.

**Quadro 1:** Resumo da cadeia de algodão.

Variável de Análise	Conclusões
Mundo	Produção de 18,5 milhões de toneladas em 1999 Brasil era o terceiro maior exportador até 1992 Argentina aumentou em 5 vezes suas exportações entre 90 e 97 Maiores produtores são USA e China
Brasil	Recuperação da área plantada para 800 mil hectares (600 mil em 1997) Recuperação da produção para 1,9 milhão de toneladas – 90% do consumo Participação de 8% na produção mundial Consumo de 850 mil toneladas de pluma por ano Evolução do rendimento em 79% desde 1997, para 2.400 Kg/hectare Dificuldades de comercialização do produto durante a safra Redução da presença das cooperativas na comercialização e beneficiamento Produção pulverizada Crescente importância da região Centro-Oeste, que representa 60% da produção Exemplo dos benefícios da cadeia integrada e coordenada pôde ser visto em MT
Mercoeste	Evolução da área plantada em 163,5% entre 1997 e 2000 Evolução da produção em 291,4% entre 1997 e 2000 Evolução do rendimento médio em 26,1% entre 1997 e 2000 Participação da produção nacional passou a ser de 67% Mato Grosso do Sul participa da 50% da produção nacional
Goiás	Evolução na produção de 34,1% entre 1997 e 2000 Evolução da área plantada de 16,2% entre 1997 e 2000 Evolução no rendimento em 15,4% em 1997 2000 Estado é o segundo em produção Estado é o terceiro em rendimento (era o primeiro em 1994) Custos relativos no estado, maiores do que em estados vizinhos



	<p>Polo de beneficiamento regionalmente representativo, mas pouco atualizado</p> <p>Produtores de soja migrando para o algodão (rentabilidade)</p> <p>Instituição do FIALGO</p> <p>Projeto de implantação de uma grande fiação no Estado</p> <p>Queda nos preços de mercado</p> <p>Dificuldades de comercialização da safra</p> <p>Cadeia pouco integrada e sem coordenação</p>
Análise Competitiva	<p>Apesar de toda a tradição da cultura de algodão em Goiás, da recente retomada propiciada pelo FIALGO e de maior organização das instituições de apoio, existem desvantagens comparativas em relação a estados vizinhos, que somente poderão ser revertidas com maior integração com os produtores primários e com a qualificação, garantindo uma estrutura de comercialização efetiva. Neste sentido, a instalação de uma grande fiação é importante para o Estado.</p>

Fonte: GAZETA MERCANTIL, 2001.

Com base nas análises e avaliação pode-se apontar as seguintes potencialidades da Cadeia Produtiva de Algodão e Vestuário em Goiás: segundo maior produtor de algodão do Brasil; representativo polo de confecções em Goiânia, em nível nacional; boa concentração de empresas de beneficiamento do algodão e de tecelagem; boa oferta de tecnologia para os elos de produção primária do algodão; nível de integração entre as empresas da cadeia, e entre estas e a estrutura de apoio competitivo, é maior do que o observado em outras cadeias da região; mão-de-obra farta e barata; boa taxa média de lucratividade da cadeia; posição geográfica estratégica da cadeia local, o que pode beneficiá-la, entre mercados de bom potencial de consumo.

### **CUSTO, PREÇO E COMPETITIVIDADE COM A CADEIA DO ALGODÃO**

Em linhas gerais, os produtos estimam que seus custos estejam distribuídos de acordo com os itens da Tabela 5. Quase 50% do custo de produção do algodão provêm de fertilizantes e defensivos agrícolas, grande parte importada.

**Tabela 5:** Custos de Produção de Algodão.

Descrição	%
Fertilizantes	20
Defensivos Agrícolas	25

Gastos com Pessoal Fixo	10
Energia Elétrica	7
Depreciação de equipamentos	10
Serviços Terceirizados	10
Demais custos operacionais	18

**Fonte:** SANTOS, 2005.

Os principais equipamentos utilizados na produção são importados, a exemplo da colheitadeira e da máquina separadora. Esta última pode ser mais facilmente adquirida de fabricante nacional. De acordo com a ABRAPA - Associação Brasileira dos Produtores de Algodão, os produtores estão enfrentando custos mais elevados e juros igualmente elevados.

Ajustando o foco para a produção do algodão em pluma, nota-se que a produtividade média nacional da safra 2004/2005 foi estimada em 1.190 kg de algodão em pluma por hectare (ANUÁRIO, 2005b). O melhor desempenho será da produção mato-grossense, cuja produtividade deverá alcançar 1348 kg/ha. Logo atrás vira a Bahia, firmando o segundo melhor índice de produtividade com 1.344 kg de pluma por hectare. Estima-se que no oeste este indicador chegue a 3.900 kg de pluma por hectare (ANUÁRIO, 2005a). Vale lembrar que a busca continua pelo aumento dos rendimentos físicos por hectare, como ocorre no oeste, é inerente ao modelo produtivista.

O potencial da região oeste para cultura do algodão é equivoco, haja vista o crescimento substantivo da atividade em curto espaço de tempo. No entanto, a Abrapa não acredita que o algodão ameace a hegemonia da soja na região (DIAS, 2004). Esta ainda continuará ocupando a maior parte da área plantada. Para corroborar há o fato de que os custos de entrada (iniciação da produção) da soja são bem menores que os do algodão.

Os custos da lavoura de algodão, em virtude do alevado grau de mecanização, estão acima dos custos das demais culturas da região, algo em torno de US\$ 1.400 por hectare. Apenas a título de comparação, a área plantada com soja tem um custo de US\$ 400 por hectare.



## **METODOLOGIA**

O conhecimento foi obtido por meio de um levantamento bibliográfico que abordasse a cadeia produtiva do algodão pelas empresas do município de Mineiros - Goiás e região.

O método adotado para esta pesquisa foi, bibliográfico, descritiva- exploratória, partindo das competências particulares, técnicas e comportamentais, descritas na cadeia produtiva do algodão, com a finalidade de concluir sobre as tendências do mercado local. Esse método é uma forma de generalização, uma vez que ele parte de questões particulares até chegar a conclusões generalizadas (LAKATOS e MARCONI, 2010, p. 53).

Para Gil (1991), as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos, etc.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que o cenário futuro da cotonicultura mundial está, em certa medida, condicionado pela configuração que vem se delineando com a eliminação do Acordo Multifibras. Observou-se a concentração da cotonicultura e da indústria têxtil e de confecção em regiões onde as vantagens competitivas permitem reduzir os custos de produção, notadamente mão-de-obra. O Brasil, até pouco um país voltado para o mercado doméstico, ficou de fora do processo de negociação e só recentemente entrou na geografia da cotonicultura mundial.

Com a reestruturação da atividade no Brasil, que passou a ser gerida por uma ótica empresarial, notadamente na região dos Cerrados, o Brasil assumiu importante posição como exportador de fibras de algodão, e tem possibilidades de expandir de forma significativa sua presença no mercado mundial de fibras.

Um aspecto importante, que precisará ser levado em conta pela diplomacia e política comercial brasileira, refere-se à “proteção” a alguns países africanos. Esses países contam com

recursos naturais, mão-de-obra barata, despertam a simpatia e interesse de nações centrais, e vêm se consolidando como fornecedores mundiais de fibras de algodão, a despeito da menor competitividade atual que o Brasil.

O comércio internacional de fibras de algodão continuará, por algum tempo ainda, a ser regido por acordos bilaterais nos quais os países africanos tendem a ter preferência em relação ao Brasil. Assim, ainda que a cotonicultura brasileira seja mais tecnificada e mais produtiva que a praticada nos países africanos, a expansão das exportações tende a encontrar obstáculos no arranjo institucional do mercado mundial de algodão, caracterizado por políticas nacionais que transgridem as regras da OMC e pela presença excessiva de acordos preferenciais de acesso e favorecimento de países específicos em razão da geopolítica. Ao mesmo tempo, verifica-se que as projeções de crescimento do consumo interno não são significativas, o que pode restringir a expansão da cotonicultura brasileira.

Quanto à cotonicultura empresarial nos Cerrados, a ênfase deveria recair sobre os fatores responsáveis pelo custo de produção, cuja redução é essencial para assegurar a competitividade do segmento. Neste sentido, adquire relevância um conjunto de questões, desde os investimentos em infra-estrutura e logística até a regulamentação da inovação tecnológica, da utilização de transgênicos, do desenvolvimento da agricultura de precisão e da adequação dos sistemas de produção às crescentes exigências ambientais.

Outro ponto a ser salientado é a necessidade de promover a “verticalização” do processo, em particular a absorção do descaroçamento na unidade primária de produção, pois este processo é de suma importância para a qualidade final da fibra.

## REFERÊNCIAS

ABRAPA: Balança Comercial Brasileira. Disponível em: . Acesso em: 22 abr. 2015.

BAVA, Silvio Caccia. (Org.). **Desenvolvimento local: geração de emprego e renda**. São Paulo: Pólis, 1996. (Estudos, Formação e Acessoria em Políticas Sociais, 25).

CALDAS, Eduardo de Lima. Consórcio Intermunicipal de produção e Abastecimento-CINPRA. Pesquisa: **Aspectos econômicos das experiências de desenvolvimento local**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert; Polis, 2001.

CASSIO, França et al. **Aspectos econômicos das experiências de desenvolvimento local.** São Paulo: Fundação Friedrich Ebert/ILDES; Pólis, 2002.

DOWBOR, Ladislau et al. **A comunidade inteligente:** visitando as experiências de gestão local. São Paulo: Pólis Programa Gestão Pública e Cidadania, 2001.

GAZETA MERCANTIL: Caderno Empresas e Carreiras. São Paulo, 31 ago. 2001.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SEBRAE Nacional. **Metodologia do Programa SEBRAE:** cadeias produtivas agroindustriais. Brasília: SEBRAE, 2000.

SENAI-GO. **Estudo sobre as cadeias produtivas do algodão e do vestuário.** Goiânia: SENAI, 2002.

SILVEIRA, Caio et al. **Ações integradas e desenvolvimento local:** tendências, oportunidades e caminhos. São Paulo: Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania, 2001..